

NÃO AO NÃO: RASTROS, IMPASSES, DESALINHOS E DESEJOS DA GERAÇÃO N

1 - CENÁRIO E ATORES

Uma pesquisa mais que um retrato de uma realidade, que um modo de compreensão de fenômenos sociais, é uma forma de dar visibilidade a tais fenômenos. Os processos de investigação, frequentemente, instauram maneiras de produzir olhares acerca de situações ou que parecem invisíveis, ou que são abordadas apenas por aspectos mais aparentes, restritas a indicadores que apenas margeiam superfícies. Nem sempre teorizações e processos de pesquisa caminham de mãos dadas à realidade.

Ao longo de nossas experiências de investigação, voltadas principalmente para atores juvenis que se retraem, que se esquivam das instituições, dos lugares normativos de sociabilidade, fomos percebendo que conceitos, categorias teóricas, por vezes, mais sombreiam, silenciam que deixam ver processos, trajetórias e escolhas de vida.

Vale ressaltar que, como indica Lenoir (1996), ao se referir à constituição da velhice como problema social, que os aludidos problemas surgem em determinadas conjunturas históricas e são decorrências, também, de construções sociais.

É quase uma redundância, o problema se torna problema na medida em que é assim nomeado, pactuado socialmente e instituído nos vários segmentos de ação, de produção de saber e na esfera de políticas sociais.

Assim, de forma mais marcante, nos últimos cinco anos, o Brasil foi assaltado pela produção de um “novo” problema social, a manifestação de um segmento de juventude que passou amplamente a ser denominado de Nem, Nem, Nem. Trata-se de jovens que nasceram entre 1990 e início dos anos 2000, moradores de periferia, residentes nas médias e grandes metrópoles brasileiras, que estão sem trabalhar, sem estudar e, aparentemente, desistiram de procurar alguma ocupação.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, relativa a dados de 2018, revelou instigantes indicadores sobre a juventude do país. Entre os 47,3 milhões de pessoas de 15 a 29 anos, 23% não estudam e nem trabalham.⁴ O número representa 32,4% de cerca de 2 milhões de pessoas entre 16 e 29 anos no Estado do Ceará. Observa-se que a juventude é, quase sempre, referida nos relatórios institucionais como sendo uma categoria homogênea, “a juventude do país”, sem que se possa daí prefigurar recortes, singularidades e situações específicas que tanto produzem como permeiam suas múltiplas condições.

Há um conjunto diferenciado de conformações, experimentações e vivências que marcam as experiências juvenis, mesmo aquelas que se situam dentro da denominada categoria Nem, Nem, Nem. De modo significativo, alguns recortes de classe (14%, mais precarizados, recebem até ½ salário), gênero (66.6% são mulheres) e raça (80% se identificam como negros ou pardos) já destacam, estatisticamente, diferenciações expressivas dentro desse segmento.

1- Profa. Titular do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará-UFC. Pesquisadora do CNPQ. Membro-fundadora da Rede Luso-Brasileira de Pesquisadores em Artes e Intervenções Urbanas-R.A.I.U. Coordenadora do Laboratório das Juventudes-LAJUS da UFC e membro fundadora da Rede Todas as Artes, Todos os Nomes. Membro da REAJ - Rede de Estudos sobre Experiências e Ações Juvenis.

2- Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará, integrante do Laboratório das Juventudes-LAJUS.

3- Socióloga, Pesquisadora, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenadora discente do Laboratório das Artes e das Juventudes (LAJUS)

Como aponta a Pesquisa do Pnad, no cenário brasileiro, são as mulheres que mais se sobressaem nesse campo NNN, com 28.4% de incidência, ficando os homens com apenas 17.6%. Supõe-se, no esteio da própria pesquisa realizada pelo IBGE, que as mulheres são mais destacadas na situação NNN, por estarem “ocupadas com afazeres da casa ou cuidando de familiares” (24.2%), sendo que esse indicador atinge apenas 0.7% o universo masculino.

Durante, aproximadamente sete meses do ano (maio a dezembro) de 2018, realizamos no Grande Bom Jardim, uma pesquisa⁵ junto ao segmento etário situado entre 15 e 29 anos, identificado dentro dos indicadores Nem, Nem, Nem e Nem Nem (encontra-se fora da escola e indica não estar trabalhando), incluindo a aplicação de 150 questionários, antecedida de estudos exploratórios,⁶ acompanhada de um estudo etnográfico, produção de histórias de vida e Grupos Focais. Um dos objetivos da referida pesquisa foi o de identificar que juventude é essa, quais suas dinâmicas de vida, quais suas condições em relação à família, à escola e ao trabalho e quais seus sonhos de futuro.

Tentamos ultrapassar a aspereza de categorizações prévias e de distinções da situação da juventude atribuídas por dados quantitativos generalizantes, sem a conexão com as singularidades desses sujeitos, ou o uso de referenciais teóricos relativos a outras práticas culturais e outros contextos socio-históricos. Interessou-nos identificar, dentro do que consideramos metodologicamente como caso exemplar (um locus da observação que condensa a maior parte das variáveis verificadas no problema relativo à pesquisa, no caso o Grande Bom Jardim), o que acontece⁷ com esses atores NNN e aquilo que parece expressar uma recusa em relação à escola, ao trabalho e a outras vias da institucionalidade.

4- <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ibge-23-dos-jovens-de-15-29-anos-nao-estudam-nem-trabalham-23748808>

5- Essa pesquisa é de iniciativa do Instituto Dragão do Mar, Governo do Estado do Ceará, Laboratório das Artes e das Juventudes-Lajus e Instituto OCA.

2 - ACHADOS DA PESQUISA: O TRAMPO, OS PROJETOS E A CRIATIVIDADE

Costa e Ulyseia (2014, p. 115), em uma publicação do Ipea acerca dos “desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros”, destacam a crescente preocupação, tanto entre pesquisadores quanto entre formuladores de políticas públicas, “com os jovens que não estão investindo em sua capacidade produtiva por meio do sistema formal de ensino ou diretamente no mercado de trabalho”. Observa-se que a afirmação dos referidos autores parece aludir aos próprios jovens como sendo eles os sujeitos responsáveis por essa “falta de investimento” no sistema formal de ensino ou no mercado de trabalho.

Em adverso, observa-se que “os jovens se retraem, se enclausuram em redes sociais que muitas vezes se aproveitam de suas fragilidades e de sua falta de crença no futuro e, nesse universo paralelo, experimentam o ilícito e perdem ou se distanciam dos liames com o plano das instituições” (DIÓGENES; SÁ, 2011, p. 152). Essa distância acaba provocando abismos de comunicação, truncando entendimentos e fragilizando possíveis conexões entre planos de linguagem e signos que povoam práticas culturais.

Observou-se, nos marcos dessa pesquisa, que muitas vezes os jovens afirmam, de forma categórica, não estarem trabalhando. De outro modo, devido à percepção que emergiu dos estudos exploratórios acerca de suas dinâmicas de vida, ao perguntamos se elas/eles têm um “trampo”, fazem “um corre”, quais seus “desdobros” para obter uma grana elas/eles expressam uma lista de fazeres, habilidades e saberes que evidenciam que mais que desocupados,

6- Apenas conseguimos efetuar essa pesquisa pela intensa e eficaz mediação lideranças locais e atores sociais que atuam próximos a esses segmentos.

7- Reportamo-nos à percepção de acontecimento evocada por Foucault (1987, p. 54): “o acontecimento precisa de uma lógica mais complexa. O acontecimento não é um estado de coisas que possa servir de referente a uma proposição [...] Agindo no acontecimento um ‘diagrama de forças’, algo, também, virtual, que ainda não aconteceu, dimensões do por vir.”

ou desinteressados em investir em sua capacidade produtiva, essa juventude rala muito, promove ações permeadas pelos móveis da resistência e da criatividade.

Notou-se, assim, entre os analisados, que não são identificadas dentro da categoria trabalho formas de ocupação denominadas e vivenciadas pelas juventudes a partir de outros referentes. 54.4% dos entrevistados indicam que “faz algum trampo”, 53.5% afirmam ter parado de estudar para trabalhar, sendo que esse índice atinge 83.6% nos NNN, sendo, em sua grande maioria, meninas. Muitas delas diversificam atividades e assumem múltiplos fazeres, sendo a gravidez precoce (32.4%) apontada como o indicador que mais limita o retraimento da escola e do trabalho, destacando-se outro dado significativo: 4.4% “para cuidar de parentes”.

São várias as atividades, nesta pesquisa, que despontaram nas experiências juvenis demonstrando estratégias diárias “do se virar”, táticas e dribles que ao contrário de um “Nem aí”, expressam mutabilidade e a capacidade de obstinação, de resistência desses atores das periferias. Elas/Eles dizem que trabalham na feira da Parangaba, aqui e acolá lavam roupas, carros, vendem Totolec, cosméticos, cuidam de idosos, “desenrolam” como serventes, serviços gerais, costuram, fazem serviços de informática, são designs de sobancelhas, vendem marmitas e tantas outras atividades.

A história de X é bastante emblemática no que tange a situar uma vida “de menina” diante da falta de um lugar que a acolha, que promova seus potenciais e que leve em conta suas singularidades:

Residente no Conjunto Palmares, na vila localizada em uma rua de terra, sem saneamento ou pavimentação, cercada de terrenos baldios, X tem um destacado efeito de projeção da versatilidade, das múltiplas possibilidades de ocupação das “meninas, a depender dos “corres” e da necessidade “de dar seus pulos”.

Com quatro filhos, tendo sido abusada pelo pai, “moradora de abrigo”, 25 anos, tendo abandonado a escola na sétima série, indica que já fez de tudo “para se virar”: trabalhou como faxineira num antiquário, teve uma pequena marmitaria numa vila em que morou, fazia sequilhos, foi empregada doméstica, teve

um carrinho de lanches, e agora desenvolve uma nova atividade, como indica a pesquisadora:

Nos momentos em que estivemos na casa de x, foi possível notar que ela “negocia” eletrodomésticos, embora ela tenha omitido esta atividade quando questionada sobre seus “tramos”. Em uma situação, chegou dois homens em uma moto, perguntando o que ela tinha. X respondeu que estava com ventiladores e um micro-ondas semi-novos. DIÓGENES,2019, p.60.

No curso de uma trajetória marcada por interrupções, desvios, precipitações X, em meio a risos, conta que sua vida “daria um livro”. X, sujeito de uma estatística onde figura como representante do sexo feminino de uma juventude nem nem nem, tudo que ela parece fazer é “se virar” de todas as formas que imagina e empreende, sem nenhum subsídio ou orientação das tantas políticas públicas que atuam no campo das juventudes.

Muitas jovens garotas deixam de estudar porque passam a criar os filhos. Onde deixá-los para que possam estudarem ou trabalhar? O salário que recebem, quando conseguem trabalhar, apenas serviria para remunerar a pessoa que teriam que contratar para cuidar de suas crianças, em situações, quase sempre identificadas, como a “paternidade irresponsável”, avultadas pela grande solidão das mulheres na educação de sua prole. Essa é uma das características que as tornam uma jovem identificada como NNN, que nem trabalha nem estuda nem procura; pois as contingências e as exigências da vida se mostram bem mais agressivas com as mulheres.

Outros indicadores entram em cena. Há uma visível colisão entre o que as/os jovens vivem e anseiam e o cardápio limitado de ocupações que emergem no mercado de trabalho. Apontam os dados da pesquisa, os NNN são “pessoas ocupadas” e, fundamentalmente, são pessoas mal classificadas, pois, na verdade, muito participam da força de trabalho. Ao invés de afirmação de um segmento Nem, Nem, Nem, os marcos dessa pesquisa apontam para um juventude

muitas vezes insatisfeita com que lhes é posto, tal qual explicitam. Sentem-se, comumente, desinteressadas pelos conteúdos didáticos apresentados nas escolas, recuadas diante do descaso e do preconceito diante de suas diferenças, da negação dos “adultos diante de seus arroubos de rebeldia e produção de modos de existência diferenciados dos da maioria. São eles acenos de um Não diante dos tantos outros Nãos que experimentam essas juventudes e que burlam suas vidas cotidianas. Daí o título da Pesquisa, Eles dizem Não ao Não, aquilo que denominamos de Geração N.

Observamos, assim, alguns gargalos e desafios que perfazem impasses e lacunas das políticas públicas para os jovens e com os jovens. O primeiro deles produz um tipo de comunicação aut centrada em ambos os polos (juventudes e atores institucionais) da relação, como um certo “diálogo de surdos”. É que a maior parte dessas políticas se pautam numa dimensão normativa, do “dever ser”, deixando de lado o ver/ler/escutar, os códigos e as teias dos significados que agenciam as práticas juvenis contemporâneas. Outro aspecto a ser levado em conta é a dificuldade de se efetuar qualquer tipo de generalização, homogeneização, universalização do que seja juventude e as oportunidades que se descortinam nas políticas públicas a partir de indicadores amplos e abstratos. Ela é sempre plural, “localizada” nos seus mundos de vida, identificada a partir de suas redes de encontros e trocas, de suas conformações de gênero, etnia e, não sendo menos significativo, de suas práticas corporais, culturais, artísticas e estéticas.

Verifica-se, também, que a juventude, cada vez mais, dá sinais do esgarçamento das transformações que se evidenciam no mundo do trabalho e do que poderia vir a ser um tipo de prática educacional que dialogue com seus mundos de vida. Há hiatos de entendimento que parecem ser cada vez mais dissonantes.

O investigador português José Machado Pais (2005, p. 14) no livro “Ganchos, tachas e biscates: jovens, trabalho e Futuro”, também, aponta algumas tensões nesse campo: “como pode a sociologia da juventude dar conta destas novas realidades, senão a partir da crítica do conceito de transição linear, circunscrita a

uma sucessão progressiva de etapas identificáveis e previsíveis em direção à fase adulta?” Segundo o autor, os jovens movem-se no “labirinto da vida”, utilizando-se de táticas e estratégias de acordo com os imprevistos que marcam suas biografias.

Essa vivência não estável, nem direcionada para uma carreira linear, Machado Pais denominará de Trajetórias Ioiô. Qual seja, diante de estruturas sociais cada vez mais fluidas, das múltiplas inseguranças que atravessam, cotidianamente suas dinâmicas de vida, as/os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, e scilações em vaivém que acabam ritmando, também, suas próprias trajetórias pessoais.

3 - RECOMENDAÇÕES

A partir desse quadro complexo e desafiador, perfilamos sugestões que foram se desenhando no escopo da pesquisa, para que se possa assim repensar e otimizar o uso de recursos públicos, a inovação e a criatividade nas políticas de juventude:

1- A primeira delas seria transmutar a própria categoria que identifica esse segmento. Poderiam ser assim designados NNN, tendo em vista suas dificuldades de escolher entre trabalhar e estudar e a falta de oportunidades que atravessa vida de juventudes marcadas por percursos singulares, fora das “normas”, fora do rol de “oportunidades;”

2- A segunda recomendação seria perceber que as rotas de violência e insegurança, as drogas, atuam como indica o referido relatório, “como constante ameaça de dinheiro fácil, os afasta de suas aspirações educacionais e profissionais”. Ao invés de tentar negar essa realidade vivida por essas juventudes, uma política pública que se pretenda ser eficaz deve partir desse universo e desses referentes simbólicos: tráfico e violência, medo e drogas.

3- As políticas públicas voltadas para essas juventudes, principalmente no campo das profissionalizações, mesmo tendo como premissa a universalização das ações (dos direitos) tem como tarefa precípua se perguntar: o que os jovens sabem fazer, como sabem e como podem, daí, expandir suas possibilidades.

4- Boa parte dos entrevistados diz não saber como se comportar numa entrevista, não consegue fazer currículos, revela não saber (embora desejem muito) como empreender, não sabe executar simples cálculos matemáticos. Assim sendo, embora se interessem muito por administração, design gráfico, computação, gastronomia, por exemplo, esses jovens teriam que passar por cursos preparatórios de princípios básicos que regem tais ocupações. A indicação é que se realize um mapeamento prévio do que “sabe”, o que anseia para aferir o que “pode” essa juventude realizar no campo da profissionalização.

5- Por fim, tem valia entre esse segmento uma energia que os faz resilientes, com visível capacidade de mutação, de criação, de adaptação, produzindo valorosas habilidades de natureza emocional concernentes ao mercado e ao mundo do trabalho do futuro;

6- Indicamos a necessidade de preparação/capacitação de educadores sociais, gestores, agentes governamentais para que possam atuar e otimizar a ação desses jovens. Caso não ocorra essa sensibilização, o ideário do “dever ser”, as instâncias classificatórias que apenas ampliam abismos entre “inseridos” e “outsiders”, cada vez mais reforçarão as enigmáticas estatísticas.

Que essa pesquisa possa avivar os sonhos dessas juventudes e que esses sonhos sejam traduzidos e ganhem espaço nos seus mundos de vida, na cidade, nas escolas e no âmbito das políticas públicas.

Tal qual versa o poema de Ferreira Gullar: “Traduzir uma parte na outra parte, que é uma questão de vida e morte Será Arte?”

REFERÊNCIAS

DIÓGENES, Glória (org.). **Eles dizem não ao não: um estudo sobre a geração N**. Fortaleza: Instituto Dragão do Mar, 2019.

DIÓGENES, Glória; SÁ, Leonardo. **Juventude e segurança pública: dissonâncias e ressonâncias**. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil*. São Paulo; Petrópolis: Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Princípio, 1987.

IPEA. **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, 2014.

LENOIR, Remi. **Objeto Sociológico e Problema Social**. In: MERLLIÉ, Dominique. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 59 – 106

PAIS, José Machado. **A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse**. *Saúde soc.*, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Revista análise social*, v. 25, n. 105/016, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>.

Ganhos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro. 2. ed. Lisboa: AMBAR, 2005.

FORTALEZA. **Decreto nº 13.732, de 28 de dezembro de 2019.** Estabelece os requisitos para elaboração, as modalidades, o conteúdo mínimo e o prazo de validade do plano de gerenciamento de resíduos sólidos no Município de Fortaleza e dá outras providências. Fortaleza, CE, Disponível em: < <https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/images/agefis/PDFs/RSOLIDOS/Decreto-Municipal-n-13.7322015.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MAIA, Hérica Juliana Linhares et al. **A aplicação da lei 12.305/2010 como instrumento de inclusão social e reconhecimento profissional de catadores de materiais recicláveis.** In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 4., 2013, Salvador. Artigo. Salvador: Ibeas, 2013. v. 1, p. 1 - 5. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2013/V-017.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MAIA, Magda Helena de Araújo. **PLANO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - FORTALEZA 2040: ANEXO III - RESÍDUOS SÓLIDOS.** Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura - Fcpc, 2015. 34 p.

OLIVEIRA, Wendel Cardoso. **Uma análise sobre a aplicação da legislação de resíduos sólidos de Fortaleza.** Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 23, n. 5587, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/66637>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

RAUBER, M. E. **Apontamentos sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, instituída pela Lei Federal 12.305, de 02/08/2010.** Revista Eletrônica Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental. v.4. n. 4, 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reget/article/view/3893/2266>> Acesso em: 24 nov. 2012.

SEBRAE. **Entenda as diferenças entre associação e cooperativa.** 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-associacao-e-cooperativa,5973438af1c-92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 10 jan. 2019.